

FORÇA PRODUTIVA

VITOR JUBINI

“Sem saber ler ou escrever, fica difícil encontrar emprego. Já perdi trabalho por causa disso”

EDNÉIA CONCEIÇÃO
DE SOUZA, de 40 anos



797 MIL MULHERES FORA DO MERCADO DE TRABALHO

Baixo nível de escolaridade e filhos são os principais motivos

LUÍSA TORRE
ltorre@redgazeta.com.br

A baixa escolaridade e o cuidado com os filhos e a casa fizeram Ednéia Conceição de Souza, de 40 anos, desistir de trabalhar fora. Quando criança não estudou, o que tentou fazer já adulta, mas a distância da escola para sua casa a desanimou. Antes de casar, ela chegou a ser babá e doméstica, mas foi demitida.

Enquanto vivia com o marido, hoje falecido, cuidou da casa e dos filhos. Em um período mais difícil, precisando trabalhar, conseguiu uma colocação em casa de família, no entanto não saber ler e escrever lhe custou o emprego.

“Tem uns 10 anos que eu não trabalho. Sem sa-

ber ler ou escrever fica difícil encontrar emprego. Já perdi trabalho por causa disso, pois não conseguia receber e assinar correspondências. Hoje fico em casa cuidando dos meus dois filhos menores e do meu neto. Vivo da pensão do meu marido”, conta.

O filho é a razão para Géssica Paiva da Silva, de 27 anos, não trabalhar nem procurar emprego. Logo que deixou um trabalho, descobriu que estava grávida. Esperando Felipe, hoje com 4 meses, não conseguiu ser contratada.

Agora, ela pretende voltar a buscar emprego quando o médico de seu filho o der alta: ele ficou internado e precisa de cui-

MERCADO

2,03
milhões

É o número de pessoas dentro da força de trabalho no Espírito Santo.

1,2
milhão

É o número de pessoas fora da força de trabalho em todo o Estado.

dados especiais da mãe.

“Meu marido voltou a trabalhar há dois meses. Eu estou em casa e não sei se vou poder voltar a procurar emprego agora. O Felipe ficou internado e preciso que o médico dê alta a ele antes. Nós temos casa própria e antes do meu marido conseguir um emprego, estávamos vivendo só de Bolsa Família”, explica Géssica.

Assim como as duas mulheres, mais de um terço da população do Espírito Santo está fora do mercado de trabalho e não busca uma colocação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No total, 1,2 milhão de pessoas de 14 anos ou mais (cerca de 38,5% da força de trabalho de todo o Espí-

rito Santo) estavam fora da força de trabalho, no segundo trimestre deste ano – quem está sem trabalho e em busca de um, é considerado desocupado ou desempregado.

Chama atenção que a maior parte do primeiro grupo, ou 66,4%, é formada por mulheres, 797,5 mil contra 403,5 mil homens, revela o IBGE. Fazem parte dessa realidade aposentados, quem se dedica somente aos estudos e pessoas que cuidam da casa e dos filhos.

Entre os que estão fora da força de trabalho, 64% têm entre 18 e 59 anos, 17,4% têm de 14 a 17 anos e 35,9% têm 60 anos ou mais. Com relação à escolaridade, 53,7% não têm instrução ou não terminaram

o ensino fundamental.

Mas o desequilíbrio de gênero tem um componente cultural quando se revelam os motivos de estar fora da força de trabalho: 36,3% das mulheres fora da força não trabalham porque têm que cuidar dos afazeres domésticos, de filhos ou de outros parentes. Entre os homens, apenas 3,2% alegam este motivo. Em números absolutos, são 289 mil mulheres que deixam de trabalhar para cuidar da casa, de filhos ou de parentes contra 13 mil homens.

Por problema de saúde ou gravidez, 69,2 mil homens (17,2%) e 76,4 mil mulheres (9,6%) estão fora do mercado. Por não querer trabalhar, são 37,7 mil homens (9,4%) e 49 mil (6,2%) mulheres.



VITOR JUBINI

— “Não sei se vou poder procurar emprego agora. O Felipe ficou internado e preciso que o médico dê alta a ele antes”

— **GÉSSICA PAIVA DA SILVA**, de 27 anos

DIFICULDADES

GUILHERME FERRARI



Ela desistiu de buscar uma chance

« Genilson Santos da Paixão, 40, e Liliane Silva de Carvalho, 22, vieram da Bahia para o Espírito Santo, onde Genilson conseguiu emprego. Ficou por 1 ano e 4 meses, quando

a empresa fez um corte geral. Recém-casado, trouxe Liliane da Bahia já doente - hoje toma remédios psiquiátricos. Ela nunca trabalhou mas já passou muitos dias da sua vida entregando currículos. “Ninguém chama. Nunca consegui trabalhar. Agora não estou procurando emprego. Estou bem, tem

creche para a minha filha e posto de saúde perto de casa”, conta Liliane, lembrando da vida difícil na Bahia. Genilson ficou quase um ano desempregado, mas recentemente conseguiu um trabalho. A família chegou a morar em uma casa abandonada, hoje vive de aluguel no bairro Resistência, em Vitória.

TENDÊNCIA

Movimento de retorno ao setor produtivo

Embora seja grande o número de mulheres sem trabalho, esse quadro começa a mudar

« O grupo de 1,2 milhão de pessoas no Estado que estão fora da força de trabalho é bastante heterogêneo e engloba cerca de 231 mil estudantes e 295,4 mil aposentados. Além disso, 289,6 mil mulheres que ficam em casa para cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos ou de parentes.

Mas, segundo a pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Ana Luiza Neves de Holanda Barbosa, a taxa de não participação no mercado de trabalho tem sofrido uma leve redução. “A tendência das mulheres é maior que a dos homens de sair da não participação. Elas estão migrando para a força de trabalho”, explica.

Ana Luiza diz que tanto a participação no mercado de trabalho quanto a ausência estão bastante associadas ao gênero e situação familiar da pessoa.

“O filho sobrecarrega, por questões socioculturais, mais mulheres que homens. Pelos dados do IBGE, as mulheres trabalham mais em casa que os homens. Outro motivo para a não entrada no mercado, certamente, é a educação. Mas o fato de a mulher ter filho e ficar sobrecarregada com atividade doméstica, isso é uma barreira que impede a entrada da mulher no mercado”.

Para a pesquisadora da OPE Sociais, Danielle Nascimento, o grande problema desse contingente está nas 645,2 mil pessoas que não chegaram a completar o ensino fundamental.

“Em um contexto de crise, já é difícil a reinserção no mercado de trabalho. Se a pessoa não tem preparo, é ainda pior”.

Casamento e gestação precoces ou cuidar de pessoas da família são algumas razões, segundo Danielle, que levam mulheres a abandonar estudos e terminarem com baixa escolaridade.

Para o economista Marcelo Loyola, por um lado é preciso se preocupar com quem não tem escolaridade e está à margem do mercado de trabalho. Por outro lado, mulheres que optam por cuidar da família podem trazer benefícios para a sociedade.

“É uma situação que acaba contribuindo para a sociedade, principalmente na questão social, pois ela ajuda os filhos nas tarefas escolares e contribui para aumentar a qualificação dele. Filhos que têm pais acompanhando nas tarefas escolares tem melhor desempenho na escola, o que pode aumentar a produtividade do país”.

RECESSÃO

“Na crise, já é difícil a reinserção no mercado. Se a pessoa não tem preparo, é ainda pior”

DANIELLE NASCIMENTO
PESQUISADORA

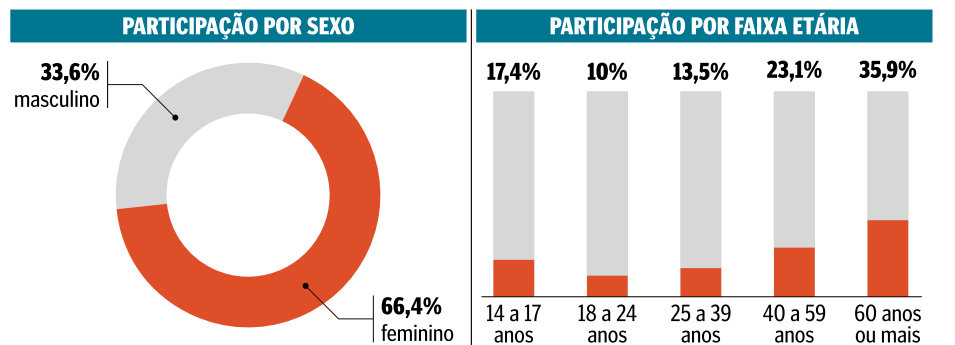
FORÇA DE TRABALHO

MERCADO DE TRABALHO

(Espírito Santo - 2º Trimestre de 2016)



PERFIL DAS PESSOAS QUE ESTÃO FORA DA FORÇA DE TRABALHO



PARTICIPAÇÃO POR ESCOLARIDADE

Sem instrução	18,3%
Fundamental incompleto	35,4%
Fundamental completo	11,4%
Médio incompleto	8,6%
Médio completo	17,4%
Superior incompleto	3,6%
Superior completo	5,3%

MOTIVO DE ESTAR FORA DA FORÇA DE TRABALHO

	Homens	Mulheres
Tinha que cuidar de afazer doméstico, filho(s) ou parente(s)	3,2%	36,3%
Estava estudando	26,5%	15,6%
Por problema de saúde ou gravidez	17,2%	9,6%
Por ser muito jovem ou muito idoso para trabalhar	27,9%	23%
Por não querer trabalhar	9,4%	6,2%
Por outro motivo	15,8%	9,4%

Fonte: IBGE

Infografia | Marcelo Franco